

# AMARELO, CAMELO E TÂMARAS

## OU

### PARA EXPURGAR O QUE SINTO

Pedro Gonzales<sup>1</sup>

**Apresentação da dramaturgia:** Sentado e perdido em seu próprio deserto de emoções e lembranças, um homem aguarda o retorno de seu amado. Durante essa espera que parece durar um dia inteiro, o homem engata em uma jornada introspectiva de descoberta pessoal, refletindo e devaneando sobre o tempo, sobre a impotência, o passado, relacionamentos, impulsos criativos, conquistas e fracassos, em um desabafo que brinca com a linearidade e a sanidade. Inspirado pelos quadros de Salvador Dalí e pelo Movimento Beat, este é um texto sobre homoafetividade e sobre espera, sobre a autodescoberta e sobre se reencontrar, sobre identidade, expectativa e autoconhecimento, onde exploro a autoficção e começo a minha pesquisa em *Prosódia Bop Espontânea*, no curso de Bacharelado em Artes Cênicas, da Unespar/FAP. Devido a isso e ao tom de ansiedade presente tanto em alguns instantes do texto quanto no fluxo de consciência, o emprego da vírgula foi, propositalmente, deixado de lado em alguns momentos.

**Palavras-chave:** Prosa espontânea; Homossexualidade; Teatro pós-dramático; Dramaturgia contemporânea.

---

<sup>1</sup> Nome artístico de Pedro Nathan Santos Gonçalves, graduando do Bacharelado em Artes Cênicas pela UNESPAR Campus II de Curitiba – FAP. Participou da 15ª Edição do FETACAM (Festival de Teatro de Campo Mourão), da 2ª e 3ª Mostra FEXO, além do 2º FESTAR (Festival de Arte e Cultura da Unespar). Tem dois contos publicados na antologia de horror *Mistérios Noturnos*, (2022) pela editora Arkanus, disponível em e-book. Atuou, também, como professor particular de inglês e tradutor informal. É ator, dramaturgo, escritor e sonoplasta. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6778-6654>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2679006743128313> Email: [pedrogonzales.txt@gmail.com](mailto:pedrogonzales.txt@gmail.com).

**YELLOW, CAMEL AND DATES**  
**OR**  
**TO PURGE WHAT I FEEL**

**WORK OVERVIEW:** Seated and adrift in his own desert of emotions and memories, a man awaits the return of his beloved. During this wait—which seems to span an entire day—he embarks on an introspective journey of self-discovery, by reflecting and daydreaming about time, impotence, the past, relationships, creative impulses, achievements, and failures, in a cathartic outpouring that challenges both linearity and sanity. Inspired by the paintings of Salvador Dalí and the Beat Movement, this is a text about homoaffectivity and longing, about self-discovery and reconnection, about identity, expectation, and self-awareness. Within the text, I explore autofiction and begin my research into Spontaneous Bop Prosody. For this reason—and due to the underlying tone of anxiety present in certain passages and in the stream-of-consciousness technique—the use of commas was deliberately omitted at specific moments.

**Keywords:** Spontaneous prose; Homosexuality; Post-dramatic theatre; Contemporary dramaturgy.

## Prólogo da Manhã

*(Areia e mais areia cobrem o palco, formando dunas a se perderem de vista. Há alguns, porém poucos, objetos espelhados escondidos por entre a areia: um garfo, uma colher, um sapato, um relógio de pulso entre outros utensílios pessoais e de casa, tudo sendo pequenos detalhes em cena. Alguns poucos girassóis estão perdidos pelo palco, ou caídos na areia ou de pé. No meio do palco há uma mesa e uma cadeira, com uma pessoa sentada nesta. Em cima da mesa estão algumas coisas para um café da tarde, como duas xícaras em um pires (uma xícara está com café, a outra está vazia) um prato com fatias de bolo, uma cumbuca pequena com algumas tâmaras. Algumas delas podem estar caídas sobre a mesa. Há em um canto da mesa um vaso de flor pequeno com uma violeta, uma gardênia e uma anêmona ao redor de várias margaridas brancas e amarelas. A iluminação é simples com cores abertas, dando um tom de vivacidade, um tom aconchegante e claro da manhã ou começo do dia. A cenografia pode ser mais minimalista, ficando a critério do encenador. A pessoa sentada na cadeira está claramente ansiosa, ora mexendo no celular ora ajeitando as coisas na mesa, e ela fica por um tempo assim, em silêncio. Esta pessoa é preferencialmente um homem.)*

Espero você chegar, arrumo a mesa, me preparam. Espero como espero o último trem da noite, o doce sabor do fim. Você disse que chegaria às três e dez. Agora são duas e cinquenta e cinco, mas parece que ainda são oito da manhã. O tempo dilatado como se o até relógio esperasse por você me coloca em alerta. Cada buzina, cada campainha, cada notificação, cada passo, cada palma — apesar de eu morar num apartamento — cada latido do cachorro do vizinho, cada bater dos ventos é você... chegando. Mas ainda são duas e cinquenta e sete e eu já olhei a previsão do tempo duas vezes, conferi todas as notícias locais, tirei o tarot umas três vezes e comparei os nossos mapas astrais no mínimo cinco e. você. ainda. não. está. aqui. Mas quantas vezes eu não te vi sair com a promessa de que voltaria por essa porta, por essa mesma porta que agora eu espero você entrar, pode ser a qualquer momento, talvez agora, talvez daqui dez minutos, porque mesmo que o relógio ria **CINICAMENTE** da minha

cara já são três horas. E eu sei que você está vindo. Eu espero. Você disse que viria pelo menos para um café. Você sempre aparece sempre cumprindo com a sua palavra. Um dois três, três e três, ainda tá cedo, logo você estará aqui, não? O gato já cansou de esperar e foi para o seu banho de sol, mas eu continuo aqui, no mesmo lugar, desde o meio-dia, e continuarei aqui por mais meio dia. Pois o meu sol é você... e o dia ainda está nublado.

### Ato Único da Tarde

*(O cenário permanece o mesmo, porém as flores que estavam no vaso agora estão todas secas e mortas e há um lírio-aranha vermelha no meio começando a desabrochar. A iluminação passou agora para tons mais quentes, como vermelho, laranja, âmbar e um leve tom de rosa, criando uma atmosfera de entardecer e calor. A pessoa que está à mesa agora começa a ter um conflito de emoções e sentimentos entre nostalgia, paixão, raiva, ansiedade, calma, descontentamento (você sabe, todas essas emoções que uma paixão não correspondida, e questionar a si próprio, despertam na gente), ao embarcar em uma viagem introspectiva e autorreflexiva.)*

Quando que você finalmente vai chegar? Porque eu sei que não poderia deixá-lo nem se eu tentasse. As lembranças, elas inundam a minha mente como uma enxurrada de verão. Lembranças de uma época mais simples em que tudo era diferente e eu nem precisava me preocupar com o que estou falando agora. Será que o meu eu do passado estaria feliz com o meu eu de agora? Será que o meu eu de agora estará feliz com o meu eu do futuro? Será que o meu eu do futuro está feliz com o meu eu de agora? Você não está aqui ainda e a única coisa que vejo se eu fechar os meus olhos são os seus olhos, seus braços suas coxas seu quadril sua boca... (pausa) mas agora são apenas como uma miragem, uma visão distante de um futuro esquecido. Lembranças de quando éramos crianças, de quando estávamos juntos e de como agora estamos tão distantes e eu só consigo lembrar. Lembrar desses sonhos que me vêm e vão

como delírios de calor o desespero de não saber o que fazer de ver o tempo passar e eu não poder fazer nada de ver pessoas indo e não poder fazer nada. Pensamentos que inundam a minha mente, como parasitas dormentes apenas esperando a hora certa para poderem almoçar o meu interior. *Intrusive thoughts.* Pensamentos que não param, o barulho do relógio, o som das teclas (*começa a tamborilar os dedos na mesa e vai, gradativamente, aumentando a velocidade e intensidade*) tec tec tac tec tac tec tac tec tac tec tac TEC TAC TEC TEC TAC TEC TAC — TJLEC! O som constante que incorpora que representa o som incessante da minha mente. As batidas do meu coração em meu peito que se aperta e acelera cada vez mais — contra o que estou correndo? Para onde eu estou indo? O som do meu interior pulsando toda vez que me deito, o sentimento da sensação de impotência de não ter feito nada de não ser lembrado num futuro próximo que pode ser apenas o passado. O passado de lembranças que não saem da tua cabeça por mais que você tente, e por mais que você externalize em sonhos. Sonhos que sempre te perturbam e alimentam esse ciclo de lembranças e pensamentos e ideias. Ideais que não te deixam em paz, sempre a ideia de fazer algo de criar algo mas a impotência de nunca conseguir sempre está lá também. E já passou das três e dez, porra! Mas a sensação tá presente; a de fracasso por ser rejeitado, a de amargura por ser ignorado e viver apenas na imaginação do que poderia ter sido se tivesse acontecido mas não aconteceu pois não depende só de você! E você não quer perder o controle e agir como um feto imaturo mimado que se descontrola porque não tem o que quer e como quer. Por mais que você queira xingar o indivíduo, intimar o indivíduo, apenas para poder sentar no indivíduo. Você quer ficar em casa, nega criar conexões mas se arrepende e se culpa por não ter conexões e tenta não afastar aquelas que você já tem, por mais que seja chato e cansativo mantê-las, e então você se autossabota sabendo que está se autossabotando e acaba ficando em casa mesmo e depois quer culpar o indivíduo por ele nunca mais te procurar. E A INCESSANTE E CANSATIVA VONTADE DE FAZER ALGO, DE CRIAR ALGO CONTINUA gritando EM TUA MENTE, EM TEU PEITO, EM TEU CORPO, NOS TEUS SONHOS como aquele carro — aquele *BENDITO* carro do churros que passa todo dia na rua e você já até decorou o que o moço fala no alto-falante como se fosse um versículo bíblico que você leu na catequese obrigado pelos

pais aos oito anos... (Pausa.) E lá no fundo, bem no fundo, eu espero que quando você chegar este caos todo passe, pois mesmo nunca tendo falado com estas palavras eu ainda me vejo — ou melhor, você ainda me vê, como aquela criança irritante e irresponsável enquanto você é o adulto que chegou lá mesmo sendo mais novo do que eu. E eu já esperei tanto, tanto tanto tanto tanto tanto e tanto e ainda espero *ainda* mais. Esperei a gente crescer. Esperei você mudar. Esperei *eu* mudar. Esperei o mundo mudar. Esperei você falar com os seus pais. Esperei você falar com os *meus* pais. Esperei tantos cafés passarem que já até perdi a conta. Esperei você tomar uma decisão. Esperei você vir até mim. Esperei você deixar que *eu* fosse até você... E tudo o que recebi em troca foi insolação. Foi a sensação de estar no meio de uma tempestade de areia, seco, e sem conseguir respirar, foi essa sensação de estar perdido neste vasto deserto que é você!... (Pausa.) Mas ainda estou no mesmo lugar, esperando você chegar. Já são quase quatro horas e o café já esfriou, o bolo no forno passou do ponto e o gato terminou o seu banho de sol e começou agora o de língua. Mas eu continuarei aqui, pois a minha língua é você... e ainda estou mudo.

São tantas variáveis e invariáveis, tantas possibilidades e tantas realidades que as minhas lembranças e sentimentos se embaralham, mas talvez foram as vezes que você me esperou para voltarmos para casa. E pouco me importava se já era tarde, pois você estava lá— não sei bem o que você poderia fazer, mas lá estava você, junto com esta sensação de conforto e segurança que você me passa. Talvez seja o fato de você ser uns seis anos mais velho do que eu mesmo que todo mundo diga que você não aparenta ter a idade que tem. Talvez seja a sua cortesia e educação. Talvez seja a sua visão para o teatro, talvez seja a sua disposição para estar sempre fazendo algo, sempre ajudando quando se precisa mesmo que não peçam, sempre prestativo e disponível. Talvez seja como você gosta de gatos talvez seja a sua carinha de sono quando está chapado talvez seja a sua risada, seus olhos, talvez seja o seu cabelo que até hoje não sei se é louro escuro ou castanho claro, mas que morro de vontade de fazer cafuné toda vez que te vejo. Talvez seja essa sua barba ou sua perna peluda ou até essa sua bun-hmmm, (*limpando a garganta*) uh-hum... Talvez seja como você fica de óculos, talvez seja seu sorriso, talvez seja como até de olhos fechados eu reconheço o teu cheiro, talvez foi como você correu quando achou

que íamos perder a última locução da noite. Talvez foi *aquele* período que passamos *aquelas* horas *naquela* sala, talvez foram as risadas que demos muitas das vezes não podendo fazer barulho. Talvez foi o vínculo que esperei termos criado, talvez foi a cumplicidade que esperei termos gerado. Talvez foi o teu molejo, talvez foram as tuas meias estampadas que quase nunca você consegue vir com o par certo. Talvez seja como você sempre chega atrasado mas sempre comparece. E talvez foram todas as outras coisas pelas quais eu espero e continuarei esperando, talvez seja como espero que você me note, talvez seja como espero que você venha falar comigo talvez seja como espero que o destino nos reúna novamente talvez seja como espero que a rotina logo acabe para eu não te ver mais todo dia talvez seja como espero que componhamos juntos talvez seja como espero esquecer você talvez seja como espero você chegar talvez seja como espero que passe, talvez seja como eu espero... (Pausa.) O tempo passando pela minha janela, a vida escapando pelas minhas mãos, as flores murchando, o deserto secando, os sonhos escorrendo pelos meus ouvidos enquanto eu espero você sentado aqui e lembrando e me perguntando, me indagando; quando é que foi que comecei a dar tanta importância para a sua presença? Quando que ela se tornou tão grande ao ponto de engolir os meus pensamentos, nuclar o meu céu, me deixar mudo e me fazer sentir como... como o menor grão em meio a um mar de areia? Eu vi seu rosto e não tive nenhuma dúvida, qual é o sentido de tentar e dar tudo de si se tudo o que ganho é dor? Eu vi o seu rosto e comecei a acreditar... Não posso mais te olhar — eu quero te olhar —. Te olhar me destrói. Como Medusa e Perseu seu olhar me petrifica. Me paralisa no tempo. O tempo que pode me mudar, mas eu não posso muda-lo. Só penso no que poderia ter sido no que seria e *como* seria e no que não sou e como não sou; se alguma vez eu poderia ser e então você ou alguém — se é que existe alguém — como você poderia me olhar, mas não com esses olhos que você me olha agora e não percebe como me destrói lentamente da maneira mais rápida possível e inexistente que exista. Não vou mais deixar que você me machuque como me machucou. Não mais... (Pausa curta). É estranho... Penso em conversar com você, eu quero conversar com você pois não quero deixar que “nós” entre a gente morra, mas também não sei se quero que este mesmo “nós” exista ou continue existindo e crescendo...

(Pausa). Mas, mesmo assim eu ainda estou aqui, sentado, te esperando e me perguntando: quando é que você finalmente vai chegar?

### Interlúdio do Crepúsculo

*(A iluminação agora está em transição entre cores quentes e frias, com a cor rosa mais forte e predominante, como durante um crepúsculo onde os últimos raios do sol com suas cores vibrantes começam a ser engolidos pelos tons violetas e azuis escuros da noite. No vaso de flor em cima da mesa, a única flor que permaneceu é o lírio-aranha vermelha, agora completamente desabrochado, enquanto há alguns botões fechados de frésia, e alguns narcisos e margaridas brancas que estão começando a desabrochar.)*

Não importa, não, não importa... não importa o tanto que eu sonhe não importa o tanto que eu escreva não importa o tanto que eu fale não importa o tanto que eu chore, o tanto que eu espere... nunca parece o suficiente. Vejo você deitado ali, parado. Sua preocupação se torna a minha preocupação, me pergunto o que tanto te aflige e te faz ficar congelado não te deixa se mover. Me sinto dividido, entre dois lagos, entre duas dimensões, entre o que posso ter o que já tenho e o que eu queria ter, mas sei que nunca vai se tornar uma realidade. Vejo você, ali, deitado parado imóvel, você não está sendo o você usual e eu seguro a vontade de me importar — melhor, de expressar que me importo e que quero te ajudar. Estou dividido entre dois caminhos, entre duas realidades, dois futuros — um real ainda que não concreto e um hipotético e surrealmente delirante. Eu sei que você — não você, aí deitado lidando com seus gatilhos, mas você que cheguei a realmente conhecer, sei que você se importa comigo, sei que você deve gostar de mim mesmo sem saber tantas coisas sobre mim, e eu também me importo contigo, também devo gostar de você mesmo sem saber tantas coisas sobre você, mas não sei até que ponto você me quer mesmo você sabendo fazer comigo coisas que outros não fazem... da forma que outros não fazem, mesmo que estar contigo seja uma das melhores partes do meu dia — ou pelo menos costumava ser. Já agora você que vive apenas nesse meu delírio

obsessivo e teimoso que me conheceu só de uma forma, esbanja outra energia, emana outra vida, outra atenção outra importância, outro cuidado que me contagia e me abre um portal de desejos e possibilidades só existentes numa realidade paralela e toda vez que te olho é a mesma coisa. Toda vez que vejo os seus olhos, toda vez que vejo o seu sorriso, toda vez que vejo o seu cabelo — ou você com um novo corte, toda vez que vejo você de barba e você não sabe o estrago que é ver você de bigode e não poder falar que você ficou bem com esse visual, como isso é avassalador. E eu já estou cansado de só falar disso, de só escrever sobre isso de só sonhar sobre isso de continuar pensando em você de continuar não conseguindo estar perto de você — por mais que eu queira estar perto de você, falar com você e por mais que eu saiba que eu não deveria continuar me importando, eu me importo!, e não há porra nenhuma que eu consiga fazer sobre isso, e mesmo sabendo disso eu ainda não consigo tomar uma decisão que obviamente só tem uma opção mesmo que eu ainda tenha que te ver contra a minha vontade, mas quando não te vejo sinto que o meu dia não ficou completo mesmo eu me odiando por querer isso por continuar alimentando esse sentimento que eu já deveria ter matado. E eu continuo te vendo paralisado, sem saber o que está acontecendo contigo, sem poder te ajudar, e eu também fico paralisado, me odiando. Porque parece que não importa o tanto que eu escreva nunca é o suficiente —

*para expurgar o que sinto.*

*(Silêncio. A pessoa sentada fica tentando acalmar a sua ansiedade e o choro que começa a despertar em seus olhos. Confere o celular, usa ele por um instante. Se ajeita e ajeita a mesa em sua frente rapidamente. Silêncio.)*

Sabe, outro dia eu tive um sonho — nesse dia eu também estava te esperando, inclusive — e eu não entendi na hora, talvez nem mesmo agora eu entenda ou talvez eu nunca entenda, mas havia essa bola amarela de energia... essa bola que quicava e rebatia ao tentar se encaixar, como o meu corpo que balança e persegue seus objetivos inutilmente, tipo uma fera ferida, sabe? Olhando o sol e sentido o calor levar seu último suspiro. Eu brincava com a figura que me aparecia, conectando-me com os olhares enquanto a bola de energia

amarela continuava o seu caminho traçando uma trilha por nós, então agarro inutilmente na bola e farejo todo o caminho que há por mim ser percorrido, passando pelas árvores-pessoas como numa floresta para me esconder e me achar numa brincadeira de criança com a figura e a bola amarela de energia — ou seria *bolha*?-, que rodeava o espaço e criava a atmosfera que quicava e rebatia em torno de nós com o seu som de estalo que invadia o ar, que faz o meu corpo vibrar só de te ver sorrir e a bola não podia mais cair no chão, mas os estalos dela em sua mão ao rebate-la me fazem olhar, me chamam a atenção para a realidade devastadora que me rodeia e me consome e não tem como eu fugir dela não tem como eu mudar você não tem como eu fazer você gostar de mim e me querer por mais que eu queira e mesmo que a sua presença me reduza e me perturbe, me faz desconfortável e aberto para as inúmeras possibilidades tão impossíveis de serem possíveis de acontecer e me corrói por dentro, me fazendo desejar sumir e os estalos da bola, como um metrônomo marcando o meu coração, continuam e continuam e continuam e continuam e continuam até que eu finalmente acordei... só para perceber que ainda estava esperando.

Só para perceber essa inércia retumbante que me paralisa e eu só consigo escutar o barulho da areia (es)correndo, que corre e corre e corre cada vez mais, assim como o tempo que não para e me sufoca a cada segundo de espera que me é como um tiro no peito que atravessa pele carne osso músculo coração e passa dos limites do espaço-tempo durante essa espera cíclica sem fim... Só para então eu perceber que me sinto fora de mim, que me sinto em outra dimensão, não me sinto aqui, ouço as vozes mas não vejo os rostos, não sinto o ar quente apesar do calor. O céu laranja fogo engole as nuvens, engole o dia, engole as pessoas e me transcende, me dissocia... (*Pausa*). Eu quero mesmo? Quero continuar com isso? O que espero? Eu espero mesmo? O que quero de você? O que espero de você? O que eu preciso de você? Eu preciso de você. O que você quer de mim? O que eu quero que você queira de mim? O que eu preciso de mim? Eu preciso de *mim!* O que você pode me dar? O que você espera de mim? Eu espero por *mim*. O que eu posso te dar? — Não, o que eu posso *me* dar?

Até quando eu aguento isso?

Até quando eu vou querer isso?

Até quando eu vou esperar?

## Epílogo da Noite

*(O cenário permanece o mesmo. A pessoa sentada à mesa está mais serena, enquanto a iluminação passa agora para algo com tons mais frios, como o lilás, o violeta, o azul e o branco, criando uma atmosfera de noite, aconchego e plenitude. As flores no vaso em cima da mesa, agora mudaram para lavandas, algumas margaridas rosas, uma íris e margaridas brancas, todas desabrochadas.)*

Passou das cinco e meia e depois de tanta espera, depois de tantos desertos inundados, de tantos relógios derretidos e escorridos, memórias que persistiram e desistiram em meio a essa nostalgia surrealista, eu agora finalmente vejo — talvez eu sempre tenha enxergado, mas nunca realmente visto que quem eu realmente espero é eu mesmo. Espero *eu* chegar. Espero *eu* tomar alguma decisão. Espero *eu* me ver. Espero *eu* vir até mim. Espero *eu* crescer. Espero *eu* mudar. Há tanto pelo que eu possa esperar, mas não vou mais esperar. Não por você. Não para ser posto de lado. Não por você. Nem por quem quer que seja. Talvez a única coisa que eu espero é que você saiba que ainda me importo com você, mas não vou mais deixar que você me machuque como me machucou. Que me seque como me secou. E não ouse agir como se eu não tivesse te amado, como se eu não tivesse andado na areia quente por você, não saia achando que eu também não fiquei machucado, não saia achando que nunca te esperei que nunca esperei por você. De todas as coisas deste mundo, não são das tuas desculpas que eu preciso, não, não é isso que eu espero.

*(Fica um tempo ajeitando-se em seu acento, e rearrumando as coisas na mesa em sua frente.)*

Eu preparam tudo, arrumo a mesa, e espero *eu* chegar.

FIM.

Recebido: 18/11/2024  
Aceito: 21/07/2025